



ORIENTE MÉDIO

Vai começar de novo?

EUA e Irã voltam a trocar bombardeios e Donald Trump ameaça com retorno à “guerra total” dos primeiros 40 dias de conflito. Analistas ponderam que o custo econômico e as eleições de novembro jogam contra a opção por nova escalada

» SILVIO QUEIROZ

Uma salva de bombardeios contra alvos no litoral sul do Irã, na noite de ontem, indicou que os Estados Unidos parecem dispostos a iniciar uma nova rodada de luta aberta no Oriente Médio, ainda que não tenham descartado de maneira definitiva o acordo negociado em junho com mediação de Paquistão, Catar e Turquia. O estopim para a retomada das hostilidades, segundo Washington, foram ataques iranianos contra navios no Estreito de Ormuz, via naval crítica para o mercado de petróleo e ponto nevrálgico do conflito iniciado pela ofensiva de EUA e Israel contra a República Islâmica, em 28 de fevereiro. Falando na capital turca, Ancara, durante a reunião de cúpula da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), o presidente Donald Trump declarou “morto” o cessar-fogo com Teerã e prometeu “ataques duros ainda nesta noite”.

Analistas e observadores se debruçam sobre o cenário no Golfo Pérsico desde a última rodada de fogo cruzado, com bombardeios norte-americanos contra alvos iranianos, na terça-feira. Na madrugada de ontem, o Irã revidou lançando mísseis contra instalações militares norte-americanas no Bahrein, sede da 5ª Frota, e no Kuwait, onde ficam aquarteladas suas forças terrestres. Em resposta, Trump afirmou aos parceiros na aliança militar que o memorando de entendimento assinado em Islamabad “acabou, da minha parte”. Não chegou a anunciar a retirada dos “excelentes negociadores” que seguem trabalhando no acordo definitivo com a contraparte iraniana, mas disse considerar o esforço “uma perda de tempo”, e referiu-se à nova liderança do regime de Teerã como “escória”.

“Podemos considerar que Trump busca uma segunda fase na guerra contra o Irã, mesmo sabendo que não tem apoio do Congresso”, pondera o professor Roberto Goulart Menezes, titular do Instituto de Relações Internacionais

Saul Loeb/AFP



O presidente dos EUA faz escala no retorno da reunião de cúpula da Otan, na Turquia: ameaças e xingamentos à liderança do regime iraniano

(Irel) da UnB. Ele chama a atenção para a coincidência entre a nova crise no frágil cessar-fogo e os funerais do aiatolá Ali Khamenei, segundo líder supremo da República Islâmica, morto no primeiro dia de guerra — uma cerimônia para a qual a Casa Branca prometeu um período de trégua. “Ao atacar o Irã durante a celebração, desrespeitando os rituais, Trump procura cutucar o Irã para que aceite os termos que os EUA querem impor”.

Assim como o estudioso do Irel, o professor de relações internacionais Gunther Rudzit, da ESPM, acredita que os EUA “não estão em condição de empurrar o Irã a uma rendição total, como não tiveram durante os quatro, cinco meses de conflito”. Ele lembra que “mesmo assessores próximos” entenderam que os EUA “não tinham como derrotar militarmente” o Irã — por isso convenceram o presidente a aceitar o acordo de

Islamabad. “Do ponto de vista estratégico, nada mudou”, conclui Rudzit. Menezes avalia que o retorno à “guerra total” dos primeiros 40 dias do conflito não interessa ao regime islâmico. “O Irã, de início, não queria a guerra, e segue querendo garantias de que os ataques não voltarão a ocorrer”, afirma. “Quer reconstruir a parte do país que foi destruída, quer retomar a normalidade, inclusive aceitou reabrir o Estreito de Ormuz. Mas as

ações dos EUA empurram para uma situação de alerta total.” Para o professor da ESPM, “o regime de Teerã ganhou a guerra e sabe que tem esse instrumento para pressionar o governo americano”. Ele minimiza as ameaças de Trump — “não dá para acreditar em nada que ele diz” —, e lembra “uma antiga máxima que diz que, em toda guerra, a verdade é sempre a primeira baixa”.

Ambos os especialistas apontam



Imagem de vídeo mostra explosões no sul do Irã: trégua sob risco

as eleições legislativas de novembro, nos EUA, como um fator capaz de condicionar a condução do conflito pela Casa Branca. “Trump segue correndo contra o tempo para encerrar o conflito, apesar de estar dando declarações no sentido contrário”, diz o professor do Irel/UnB. “Ele sabe que o último recurso que tem é enviar tropas para invadir o Irã, mas isso poderia, certamente, voltar-se contra seus objetivos de manter o controle da Câmara e do Senado, ou pelo menos de uma das casas do Congresso”. Gunther Rudzit vai na mesma linha: “Voltar a uma guerra total tem custo econômico muito grande: o preço do petróleo já disparou, como o do querosene de aviação, e a gasolina também vai subir nos postos dos EUA. Quanto mais perto da eleição, esse efeito econômico vai ser pior para o Partido Republicano”.

Murtadha Ridha/AFP



Homenagens ao líder iraniano na cidade sagrada xiita de Karbala

Multidões reverenciam Khamenei no Iraque

A presença em massa dos fiéis em Najaf e Karbala situa a dimensão espiritual e política do líder supremo do Irã para os muçulmanos xiitas, que são maioria também no Iraque, e o lugar que a República Islâmica busca ocupar no Oriente Médio. Depois de ser reverenciado por multidões em Teerã, o corpo do aiatolá (“sinal de Deus”) Ali Khamenei foi recebido em Najaf pelo presidente iraniano, Masoud Pezeshkian, pelo chanceler Abbas Araghchi e pelo premiê iraquiano, Ali al-Zaidi.

Najaf, coberta de faixas e retratos de Khamenei, abriga o mausoléu dedicado ao primeiro imã dos muçulmanos xiitas, Ali, primo e genro do profeta Mohammad. O xiismo tem raízes justamente na reivindicação de Ali como sucessor legítimo do fundador do islã — posição contestada pela corrente ainda hoje majoritária no islã, a dos sunitas, que se proclamam seguidores da “tradição” (sunna, em árabe), fundada nos ditos e atos de Mohammad. Ali morreu em 661 em

Kufa, ao sul de Najaf, cidade onde, nos anos 1970 e 1980, viveu exilado e como mentor religioso o aiatolá Ruhollah (“sopro de Deus”) Khomeini, líder da revolução islâmica de 1979 no Irã e primeiro líder supremo do regime.

Talvez ainda mais simbólica é a passagem do cortejo por Karbala, onde estão os restos dos dois filhos de Ali, Hassan e Hussein. O último, reverenciado como o quarto imã dos xiitas, foi morto nas imediações da cidade em combate com

forças leais ao califa sunita Yazid. Seu martírio, como é descrito no xiismo, é celebrado anualmente no feriado da Ashura, em que os fiéis desfilam pelas ruas da cidade em autoflagelo.

As cerimônias fúnebres para Khamenei se encerram hoje, com o sepultamento em seu berço, Mashhad, segunda maior cidade do Irã, no extremo leste do país, com cerca de 3,5 milhões de habitantes. O nome, no idioma persa, significa “lugar de martírio”. (SQ)

CÚPULA DA OTAN

Ajuda à Ucrânia e ameaças à Groenlândia

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, aproveitou a cúpula da Organização do Tratado do Atlântico Norte (Otan), realizada em Ancara (Turquia), para anunciar ajuda à Ucrânia, atacar a soberania dinamarquesa da Groenlândia e ameaçar os gastos militares da Espanha. Durante reunião com o presidente ucraniano, Volodymyr Zelensky, Trump sinalizou uma licença a Kiev para a produção de mísseis americanos. “Uma das coisas sobre as quais vamos conversar é que vamos dar a vocês uma licença para fabricar Patriots. Nada mal, não é? Assim vocês não poderão reclamar que não damos mísseis suficientes”, disse. “Ainda não informamos a empresa, mas isso vai ser resolvido”, acrescentou Trump.

A Ucrânia tem mostrado

dificuldades para derrubar mísseis balísticos russos, enquanto se esgotam os estoques de interceptadores Patriot de fabricação americana, cruciais para sua defesa. Trump reiterou a convicção de que tanto Zelensky quanto o presidente russo, Vladimir Putin, desejam encerrar os combates. Moscou classificou as promessas de ajuda a Kiev como “irresponsáveis” e acusou os países europeus de “se prepararem para um conflito armado”. Na declaração final da cúpula da Otan, Europa e Canadá se comprometeram a manter o fluxo de apoio militar para os ucranianos em um montante de US\$ 80 bilhões (cerca de R\$ 412 bilhões) por ano, tanto em 2026 quanto em 2027.

No início da reunião, Trump enviou um recado à Otan, em declarações dadas ao lado do secretário-geral da aliança militar, Mark

Saul Loeb/AFP



Rutte. “Não estou satisfeito com a Otan pelo que fizeram com a Groenlândia, e não estou satisfeito com a Otan porque não quiseram nos ajudar com o principal Estado

patrocinador do terrorismo, que é o Irã. Não estavam dispostos a nos ajudar”, afirmou.

Na ocasião, o líder americano disse que “a Groenlândia é um

Volodymyr Zelensky, presidente ucraniano, durante reunião de líderes da Otan, na Turquia: auxílio de Washington para defesa

grande problema para nós” e admitiu que a ilha “é muito importante para os Estados Unidos, mas não para a Dinamarca”. “Precisamos dela para a proteção do mundo, não apenas dos Estados Unidos. Não ajuda a Dinamarca, mas nos ajuda”, justificou-se. Mette Frederiksen, primeira-ministra da Dinamarca, deixou claro que a Groenlândia “não está à venda”. Na terça-feira, Trump insistiu que o território autônomo dinamarquês deveria ser “controlado pelos Estados Unidos”.

O inquilino da Casa Branca também acusou a Espanha de não gastar o suficiente com a pasta da Defesa e de não ter cedido suas

bases militares para a campanha contra o Irã. E afirmou que os Estados Unidos “vão cortar todo o comércio” com Madri. “A Espanha é uma causa perdida. Não queremos mais relações comerciais com a Espanha”, disse Trump. Ao fim da cúpula na Turquia, o republicano moderou o tom e fez um “afago” aos 31 líderes aliados presentes no encontro. “Foi uma grande reunião, havia muito amor nesta sala, muita unidade”, disse a jornalistas. Pedro Sánchez, primeiro-ministro espanhol, descartou uma contenda com o americano e exaltou as relações “muito positivas” com os Estados Unidos.